

**Hermetismo e provocação:
sobre “A tarefa do tradutor”, de Walter Benjamin**

***Hermetism and provocation:
On Walter Benjamin’s “The Task Of the Translator”***

Georg Otte

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
georg.otte@uol.com.br

Resumo: O hermetismo da escrita de Walter Benjamin representa ao mesmo tempo um atrativo e um desafio para seus leitores. Justapondo afirmações apodíticas, ele mesmo dá um exemplo dessa ambivalência pela provocativa ideia de que nem a obra literária nem sua tradução estariam dirigidas ao seu leitor. Considerando o uso comunicativo da linguagem como um abuso, Benjamin não apenas defende a autonomia da obra, mas também reivindica a autonomia da tradução como “forma”. Não sendo um canal de comunicação para o original nem sua derivação, a tarefa da tradução consiste em despertar a “pura língua” no original. Assim, correspondências escondidas têm de substituir a comunicação linear.

Palavras-chave: Tradução; hermetismo; justaposição.

Abstract: The hermetism of Walter Benjamin’s writing represents at the same time an attraction and a challenge for his readers. Juxtaposing apodictic assertions, he gives by himself an example for this ambivalence by his – provocative – idea that the literary work, nor the translation of this work would not be directed to its reader. Considering the communicative use of language as an abuse, Benjamin defends not only the autonomy of the work, but also of the translation as a “form”. Not being a communication channel to the original, nor its derivation,

the task of the translation consists in waking up the “pure language” in the original. Thus, hidden correspondences have to replace the linear communication.

Keywords: Translation; hermetism; juxtaposition.

Recebido em 1 de julho de 2015

Aprovado em 3 de setembro de 2015

Quando Walter Benjamin inicia seu ensaio “A tarefa do tradutor”¹ dizendo que “[e]m hipótese alguma, levar em consideração o receptor de uma obra de arte ou de uma forma artística revela-se fecundo para o seu conhecimento”,² ele parece estar advogando em causa própria: essa é apenas a primeira de uma série de afirmações seguidas que atropelam o leitor, em vez de convencê-lo. Trata-se certamente de um dos textos ao mesmo tempo mais herméticos e provocativos da obra de Benjamin, pois o leitor, passando de afirmação em afirmação, é obrigado a construir por conta própria um texto composto de enunciados justapostos e aparentemente desconexos. O próprio hermetismo representa uma provocação, pois as afirmações muitas vezes obscuras só podem ser relacionadas, pelo menos parcialmente, a partir do conhecimento do restante do texto. Numa primeira abordagem, o leitor tem de se limitar a tomar conhecimento das afirmações do autor sem saber como lidar com

¹ Utilizamos, para o presente artigo, tanto a tradução de Susana Kampff Lages de 2011 quanto a da edição bilingue de 2001, para a qual a mesma tradutora ainda havia usado o título “A tarefa-renúncia do tradutor”. No trabalho mais recente, a estudiosa retirou o termo “renúncia”, que pode ser encontrado também em outras traduções anteriores. Laurent Lamy e Alexis Nouss chegam ao extremo de descartar por completo a palavra “tarefa” (*tâche*) em sua tradução para o francês, optando apenas por *abandon*. Se a tradução por “renúncia” é tentadora por fazer parte da experiência cotidiana do tradutor, que é obrigado a abrir mão de muitos nuances do original para chegar a um texto “legível”, ela não se sustenta pelo texto de Benjamin. Tendo em vista que há amplo consenso entre os comentaristas quanto à relação *complementar* entre o original e suas traduções, a ideia da renúncia ou do abandono dificilmente se justifica pelo teor do texto. Em momento algum Benjamin fala das perdas ao se traduzir um texto, mas a importância do seu texto se deve justamente ao fato de ele defender os ganhos.

² BENJAMIN. A tarefa do tradutor, p. 101.

elas, para, numa segunda leitura, à maneira do círculo hermenêutico, aproximar os elementos antes considerados díspares.

Poder-se-ia objetar que Benjamin fala da obra de arte, e não sobre um texto que discorre sobre questões da teoria da tradução e que serviu de prefácio para uma tradução dos *Tableaux parisiens* de Baudelaire, conforme a edição original. Mas o fato de o texto ter sido editado muitas vezes isoladamente, como no caso da antologia *Clássicos da teoria da tradução*, organizada por Werner Heidermann, mostra de forma bem clara que ele, apesar de seu caráter supostamente “periférico”, fez muito mais sucesso que a própria tradução dos poemas de Baudelaire. Esse prefácio não introduz o leitor na obra de Baudelaire nem contextualiza o autor em seu tempo, e ainda chega ao cúmulo de nem sequer mencionar o nome do poeta francês. O hermetismo desse prefácio mimetiza de certa maneira a *autonomia* que Benjamin atribui não apenas à obra de arte em geral e à obra literária em particular, mas também a qualquer manifestação de linguagem.

Esse postulado de autonomia se torna um pouco mais compreensível quando se convoca outro texto de Benjamin, a saber, seu estudo “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem”. Uma das provocações desse ensaio, uma verdadeira pletora de afirmações isoladas, consiste na atribuição de linguagem “a absolutamente tudo”,³ isto é, não apenas às manifestações humanas, mas a qualquer objeto. Um dos conceitos centrais, nesse contexto, é o da “expressão”, através da qual tanto os artefatos humanos quanto os objetos em geral *se* comunicariam. O pronome reflexivo, nesse caso, é crucial, pois essa “autocomunicação” aponta para a autonomia que Benjamin exige para qualquer texto e que se dirige contra sua instrumentalização como meio de comunicação:

O que comunica a linguagem? Ela comunica a essência espiritual que lhe corresponde. É fundamental saber que essa essência espiritual se comunica *na* linguagem e não *através* da linguagem. [...]

A resposta à pergunta “*O que comunica a linguagem?*” deve ser “*Toda linguagem comunica-se a si mesma*”.⁴

³ BENJAMIN. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem, p. 51.

⁴ BENJAMIN. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem, p. 51. Tradução modificada; nem todos os grifos que se encontram no original foram reproduzidos nesta tradução.

As afirmações desse ensaio, por mais enigmáticas que sejam, refletem-se nas afirmações não menos misteriosas do ensaio sobre o tradutor, em que se diz que a tradução não “poderia comunicar algo que não fosse comunicação”.⁵ O pleonasma desta última se justifica pelo uso reflexivo do verbo: textos e objetos *se* comunicam, qualquer uso deles como simples meio de comunicação entre um emissor e um receptor representa um abuso.

Mas o hermetismo dos textos de Benjamin não reside tanto no caráter enigmático das frases isoladas, pois seu dogmatismo se deve muitas vezes à própria clareza das enunciações, como no caso da primeira, que passamos a repetir: “Em parte alguma, o fato de se levar em consideração o receptor de uma obra de arte ou de uma forma artística revela-se fecundo para o seu conhecimento”. São os “argumentos” subsequentes que, em vez de trazer mais transparência, confundem o leitor: por que a consideração pelo receptor pressuporia “unicamente a existência e a essência do homem em geral”?⁶ Se a afirmação inicial não deixa dúvidas, sua suposta argumentação tende a gerar mais incertezas. A última frase do parágrafo, aparentemente uma conclusão (“Pois...”), apenas repete e enfatiza a provocação da primeira: “Pois nenhum poema dirige-se ao leitor, nenhum quadro, ao espectador, nenhuma sinfonia, aos ouvintes”.⁷

O leitor familiarizado com a obra de Benjamin sabe que a provocação, ou então: o não conformismo, tornar-se-ia a “marca registrada” desse pensador *sui generis*, que, ainda em seu último texto, “Sobre o conceito de história”, mina as convenções filosóficas quando adota a teologia como fundamento teórico ao lado do marxismo.⁸ Se, nessas “Teses”, Benjamin atribui ao historiador materialista a tarefa de “escovar a história a contrapelo”,⁹ a tarefa atribuída ao tradutor também entra em choque com a opinião vigente, segundo a qual a tradução teria como função intermediar entre o “original” escrito numa língua que o leitor interessado não domina – ou domina mal – e uma língua que ele domina bem, normalmente, mas não necessariamente, sua língua materna.

⁵ BENJAMIN. A tarefa-renúncia do tradutor, p. 189.

⁶ BENJAMIN. A tarefa do tradutor, p. 101.

⁷ BENJAMIN. A tarefa do tradutor, p. 101.

⁸ BENJAMIN. Sobre o conceito de história, p. 241.

⁹ BENJAMIN. Sobre o conceito de história, p. 245.

De certa maneira, Benjamin sempre escreveu “teses”, afirmações “postas”, pela origem grega da palavra. Grifadas ou não, elas não apenas condensam uma ideia numa única frase, mas é a própria densidade que as torna “fechadas”, provocando a curiosidade do leitor – ou sua desistência. No entanto, enquanto, no âmbito acadêmico, a tese foi elevada a um gênero de escrita, desde que seu autor saiba defendê-la, Benjamin muitas vezes se mostra pouco preocupado com seu “receptor”. Sabemos que pagou um preço alto por essa postura quando sua tese de livre-docência (*Habilitation*), *Origem do drama barroco alemão*, foi recusada pela academia. Doze anos mais tarde, Adorno também se recusa a publicar a primeira versão do texto de Benjamin sobre Baudelaire, criticando nela a falta de mediação, a “mera facticidade” e até um certo “positivismo”,¹⁰ aludindo ao estilo “tético” de Benjamin. A “posição” e a justaposição, a “enumeração material”¹¹ encontraram até a resistência daquele que, mais tarde, exploraria toda a gama de conceitos criados por Benjamin.

O caráter provocativo, evidentemente, ganha força pelo fato de, no meio do século que separa a redação desse texto de sua leitura atual, por volta de 1970, localizar-se o advento da estética da recepção e sua valorização do papel do leitor. Não deixa de ser uma ironia da história que Hans Robert Jauß também fale em “provocação” no título do seu livro, que pode ser considerado como o manifesto da Escola de Constança.¹² Não é por acaso que tanto Benjamin quanto Jauß e Iser possuem uma forte ligação com o movimento estudantil de 1968, o primeiro pela sua heterodoxia, inclusive em relação ao marxismo esclerótico do bloco comunista, os últimos pela inserção de demandas sociais e políticas na teoria da literatura, em que a “bandeira” do antiautoritarismo resultou não apenas numa provocação dirigida às autoridades, mas também no questionamento da posição do autor.

Evidentemente, não foi “A tarefa do tradutor” que transformou Benjamin em um dos gurus do movimento estudantil, mas o ensaio “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. São as teses desse ensaio, muitas vezes grifadas, que combatem a aura “autoritária” da obra de arte, e é aqui também que se utiliza, 40 anos antes de Jauß e Iser, o termo teórico da *Rezeption* (o “receptor”, no ensaio sobre o tradutor, é *der*

¹⁰ BENJAMIN. *Briefe*, p. 784-786.

¹¹ BENJAMIN, *Briefe*, p. 787.

¹² JAUSS. *A história da literatura como provocação à teoria literária*.

Aufnehmende). E quando Benjamin rejeita, ainda no primeiro parágrafo, a figura de um “receptor ‘ideal’”, ele lembra quase inevitavelmente o “leitor ideal” de Wolfgang Iser. O questionamento do leitor ideal por Iser, contudo, ocorre por motivos completamente diferentes: enquanto Benjamin descarta de antemão qualquer função comunicativa da obra, Iser constata a “impossibilidade estrutural da comunicação”, dizendo que não existe um leitor ideal por este “não ter o mesmo código que o autor”.¹³ Se, para Benjamin, a função comunicativa representa uma degradação não apenas da obra, mas também da linguagem “em geral”, Iser parece pressupô-la, lamentando que a comunicação entre autor e leitor não possa chegar ao grau máximo. Com suas perguntas retóricas (“O que ‘diz’ uma obra poética? O que comunica? Muito pouco para quem a compreende”¹⁴), Benjamin, ao contrário de Iser, não fundamenta a compreensão da obra numa comunicação bem-sucedida, baseada no consenso, mesmo que aproximativo, entre autor e leitor. A obra – ou qualquer texto – não é um canal de comunicação, porque “comunica-se a si mesma”, para retomar o que Benjamin diz sobre a linguagem. Recusando-se a valorizar a atenção do leitor, ele negligencia também o autor em favor da autoridade única, a saber: o texto.

Não deixa de ser irônico, entretanto, que a escrita de Benjamin, exatamente por causa do seu hermetismo, exija um leitor extremamente atento. O desafio, ou então: a provocação dos seus textos, consiste justamente em sua linguagem apodítica, que demanda a participação ativa do leitor. Passando de uma afirmação a outra, esse leitor é obrigado a “preencher as lacunas” deixadas por um discurso que se mostra avesso à argumentação linear e à concatenação sequencial das ideias. É a justaposição dessas afirmações – ou então: a falta de uma mediação sintática (conjunções) – que impõe ao leitor a tarefa de cotejar enunciados aparentemente isolados e estabelecer relações múltiplas. Outra ironia na história intelectual alemã é que Adorno, que, em sua carta de 1938, ainda criticava o “positivismo” de Benjamin,¹⁵ louva o amigo, em meados dos anos 1950, como “mestre insuperável” do ensaio, elogiando o “caráter estético” desse gênero como uma de suas virtudes.¹⁶

¹³ ISER. *O ato da leitura*, p. 65.

¹⁴ BENJAMIN. A tarefa do tradutor, p. 101.

¹⁵ Ver a crítica de Agamben a Adorno em AGAMBEN. O príncipe e o sapo.

¹⁶ ADORNO. *Der Essay als Form*, p. 29 e 44, respectivamente.

Pouco mais de uma década depois das suas reflexões sobre a tarefa do tradutor, Benjamin se mostra menos radical quando compara diferentes “formas de comunicação” no seu ensaio “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. A narrativa oral, a literatura escrita e ainda a informação de imprensa seriam apenas diversas formas de comunicação, cada uma tendo sua razão de ser dentro de determinado contexto social e, principalmente, em determinado contexto histórico. Assim, ele distingue entre a “forma artesanal de comunicação”¹⁷ e a “nova forma de comunicação”;¹⁸ a primeira, pré-moderna, ancorar-se-ia no fundo seguro da “experiência”, enquanto a segunda, própria da modernidade, parece querer compensar a falta de um referencial comum e seguro pela suposta segurança da veracidade e da plausibilidade.

O termo alemão para “comunicação” é *Mitteilung*, que poderia ser traduzido, literalmente, por “compartilhamento” (*Teil* significa “parte”, sendo o prefixo “com” normalmente traduzido por *mit*). Mesmo que esse retorno às origens de uma palavra ou a dissecação em seus componentes não garanta uma compreensão definitiva, tais recursos são virtualmente esclarecedores por permitirem especulações sobre o sentido do termo em questão. Sabemos que o próprio Benjamin apreciava “voltar” ao sentido literal das palavras para retirar delas impulsos importantes para suas reflexões. Poderíamos fazer o mesmo aqui, lembrando que a “especulação” e a “reflexão” são, na verdade, derivações metafóricas do âmbito ótico, isto é, das luzes e do seu espelhamento.

Um bom exemplo para o retorno à literalidade ou ao sentido concreto é o já mencionado termo “expressão”, derivado de “pressão” (*Druck*). Se o uso de “expressão” (*Ausdruck*) e, ainda, “impressão” (*Eindruck*), nas duas línguas, não costuma ter nenhuma relação com a pressão enquanto fenômeno físico, Benjamin “literaliza” esses termos jogando com a acepção concreta de “pressão”. Assim, quando, no citado ensaio sobre a linguagem, atribui uma “linguagem em geral” a pessoas e objetos que *se* comunicam, ele denomina esse tipo de comunicação espontânea de “expressão”. As palavras não são “expressões” escolhidas pelas pessoas para se comunicarem, mas expressam algo por si só, “por pressão própria”, por assim dizer. Assim, a língua alemã guarda algo nela que “pressiona” para vir à tona: “Isso significa que a língua alemã,

¹⁷ BENJAMIN. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, p. 221.

¹⁸ BENJAMIN. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, p. 218.

por exemplo, não é, em absoluto, a expressão de tudo o que podemos – supostamente – expressar *através* dela, mas, sim, a expressão imediata daquilo que *se* comunica dentro dela. Este ‘se’ é uma essência espiritual”.¹⁹

A “forma artesanal de comunicação” do narrador oral se caracteriza tanto pela comunicação compartilhada socialmente – a própria oralidade obriga as pessoas a se reunirem – quanto por uma expressão espontânea que exige um narrador “entediado”, para citar uma passagem enigmática do ensaio. Tanto o processo de assimilação (recepção) quanto o da expressão (o próprio ato de narrar) não fazem parte de um processo comunicativo e direcionado, mas estão condicionados a um estado de distensão, em que o inconsciente possa aflorar:

Esse processo de assimilação se dá em camadas muito profundas e exige um estado de distensão que se torna cada vez mais raro. Se o sono é o ponto mais alto da distensão física, o tédio é o ponto mais alto da distensão psíquica. O tédio é o pássaro onírico que choca os ovos da experiência.²⁰

Como Benjamin já disse no ensaio sobre a linguagem, “o maior ou menor grau de consciência” não importa para a autocomunicação, a “expressão” acontecer,²¹ sendo que, no caso do narrador, a redução da consciência ao grau do “tédio” parece ser quase uma exigência para que a “experiência” se “expresse” *nas* (e não *através* das) narrativas. Em outras palavras: o uso consciente da linguagem para fins comunicativos é um abuso que Benjamin articula, mais uma vez, em tom apodítico, pois “é realmente o pecado original do espírito da linguagem”.²²

Por mais curiosa que seja a referência a um “pássaro onírico” – o *Traumvogel*, no original alemão, não é menos curioso; provavelmente foi a maneira que Benjamin achou de associar o onírico/inconsciente à ideia do chocar –, o mínimo que se pode dizer a respeito é que ela aponta para um processo natural, reforçando assim a ideia de que as narrativas brotam – para acrescentar outra metáfora vegetal – *naturalmente*, sem intervenção da consciência humana, do solo fértil da experiência, podendo até chegar a uma certa perfeição, como no caso das “pérolas

¹⁹ BENJAMIN. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem, p. 51.

²⁰ BENJAMIN. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, p. 221.

²¹ BENJAMIN. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem, p. 51.

²² BENJAMIN. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem, p. 67.

imaculadas” e dos “vinhos encorpados e maduros”.²³ A naturalidade sugere ausência de intencionalidade e, assim, a relativa autonomia dos processos de produção e recepção das narrativas.

A autossuficiência da narrativa manifesta-se, também, na sua “sóbria concisão” e na renúncia a “sutilezas psicológicas”,²⁴ sendo que essa sobriedade chega ao ponto de produzir lacunas na sequência dos fatos narrados. Através do exemplo de Heródoto²⁵ e das especulações de exegetas como Montaigne, Benjamin mostra que são justamente essas lacunas que dão “margem à especulação”, no melhor sentido do termo, pois, se ele ganhou uma conotação negativa no sentido de “falta de rigor”, esta se deve à hegemonia daquela outra “forma de comunicação” representada pela imprensa. A imprensa não exige o compartilhamento no sentido de “comungar” uma “experiência” comum, mas trata de fatos isolados como um incêndio, os *faits divers*, que costumam ser esquecidos pouco tempo depois de serem registrados.

Não é o caso da história de Heródoto:

Heródoto não explica nada. Seu relato é dos mais secos. Por isso, essa história do antigo Egito ainda é capaz, depois de milênios, de suscitar espanto e *reflexão* [*Nachdenken*]. Ela assemelha-se às sementes de trigo que durante milhares de anos ficaram fechadas *hermeticamente* [*luftdicht abgeschlossen*] nas câmaras das pirâmides, conservando até hoje suas forças germinativas.²⁶

Por coincidência, o tradutor dessa passagem utilizou dois termos que já desempenharam algum papel no presente texto (a “reflexão” e o “hermético” ou “hermetismo”), sendo que ambos ainda aparecem – e isso já não é mais coincidência – como estreitamente ligados: a reflexão é uma consequência do hermetismo, ou, dito de outra forma: o hermetismo provoca a reflexão. Ao mesmo tempo cabe ressaltar um aspecto ao qual

²³ BENJAMIN. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, p. 222, fazendo referência a Paul Valéry.

²⁴ BENJAMIN. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, p. 220.

²⁵ BENJAMIN. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, p. 220. Ver a edição digital bilíngue (em grego e inglês) do conto de Heródoto: < <http://goo.gl/Hd0L2x>>. Acesso em: 15 jun.2015.

²⁶ BENJAMIN. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, p. 220. Grifo nosso.

ainda voltaremos: trata-se de opções do tradutor brasileiro (Sérgio Paulo Rouanet) que não foram questionadas pelo revisor da edição original (Márcio Seligmann-Silva). O que torna essas opções interessantes é o fato de não terem sido induzidas por termos semelhantes do original, embora os termos alemães *Reflexion* e *hermetisch* sejam perfeitamente adequados para textos do gênero. É apenas um exemplo da complementaridade entre o original e suas traduções, ou então um exemplo do fato de as traduções poderem enriquecer o original.

Mas cabe ainda chamar a atenção para outro aspecto da passagem citada: as sementes de trigo, que, além de serem cápsulas que envolvem o germe, à maneira das pérolas nas ostras, são “fechadas hermeticamente” nas câmaras das pirâmides. No ensaio sobre o tradutor as sementes e suas forças germinativas também desempenham o seu papel, que, embora discreto, não deixa de ser importante: a tarefa do tradutor consiste em “fazer amadurecer na tradução a semente da pura língua”.²⁷ Esta última, da ordem paradisíaca ou divina, perdeu-se com o pecado original, de acordo com o modelo teológico adotado por Benjamin, mas não perdeu seu potencial de se transformar numa planta.

Pouco importa se Benjamin fala da semente nas pirâmides ou daquela da pura língua, se ele recorre à natureza ou à teologia, ou se mistura ambas: o princípio monadológico, articulado da 17ª tese sobre o conceito de história, sempre é o mesmo:

Quando o pensamento para, bruscamente, numa constelação saturada de tensões, ele lhe comunica um choque, através do qual ela se cristaliza numa mônada. [...] O resultado desse procedimento é que assim se preserva e transcende (*aufheben*) na obra o conjunto da obra, no conjunto da obra a época e na época a totalidade do processo histórico. O fruto nutritivo do que é compreendido historicamente contém, em seu interior, o tempo, como uma semente preciosa, mas insípida.²⁸

A própria tese n. 17 é uma mônada que “cristaliza” as “Teses” como um todo, que, por sua vez, podem ser consideradas como o legado benjaminiano que condensa toda a sua obra. A retomada explícita da

²⁷ BENJAMIN. A tarefa do tradutor, p. 114.

²⁸ BENJAMIN. Sobre o conceito de história, p. 251. Apenas o último grifo (da palavra *semente*) é nosso.

teologia nesse texto de 1940, o ano da morte de Benjamin, pode ser vista como um sinal de que se trata mesmo de um concentrado de ideias cuja justaposição se evidencia na própria forma fragmentária das teses. Se, durante sua vida, havia uma certa oscilação entre teologia e marxismo, aqui as duas correntes se cristalizam em mônadas, que, mais uma vez, dificultam uma leitura fluente, mas se complementam mutuamente.

A acumulação de afirmações apodíticas, sem qualquer encadeamento sintático ou lógico, pode ser uma prova de paciência para o leitor, que, seguindo o “princípio construtivo” defendido na tese citada, tem de construir seu próprio texto a partir dos blocos disponíveis. As afirmações são mesmo como as mônadas de Leibniz, ou seja, “não possuem janelas através das quais algo possa entrar ou sair”.²⁹ Hermeticamente fechadas, elas são diferentes entre si, mas, ainda segundo Leibniz, são subordinadas ao princípio da harmonia preestabelecida. É a partir daí que Benjamin pode dizer que a obra contém em si o conjunto da obra, o conjunto da obra a época, etc.

Poderíamos estender essa série para o outro extremo dizendo que cada afirmação contém em si o texto, ou seja, não é apenas um componente na construção desse texto, mas uma mônada relacionada com o todo. E se cada afirmação isolada reflete o todo, elas, no conjunto, não têm como não ter relação entre si. Essa relação pode não se apresentar na forma da concatenação linear, mas o leitor atento pode descobrir traços comuns entre uma e outra, fazendo com que as afirmações, apesar de seu relativo hermetismo, espelhem-se mutuamente em um jogo de reflexos.

No ensaio sobre o tradutor, Benjamin recorre ao equivalente acústico do espelhamento visual:

Essa tarefa [do tradutor] consiste em encontrar na língua para a qual se traduz a intenção, a partir da qual o *eco* do original é nela despertado. [...] Mas a tradução não se vê, como a obra literária, mergulhada, por assim dizer, no interior da mata da linguagem, mas vê-se fora dela, diante dela e, sem penetrá-la, chama o original para que adentre aquele único lugar, no qual, a cada vez, o *eco* é capaz de reproduzir na própria língua a ressonância de uma obra da língua estrangeira.³⁰

²⁹ LEIBNIZ. *Princípios da filosofia ou A monadologia*, § 7.

³⁰ BENJAMIN. *A tarefa do tradutor*, p. 112. Grifo nosso.

A tradução não ecoa simplesmente o original, mas tem de encontrar “aquele único lugar”, um ponto certo, que faça ressoar o original. Rainer Nägele, em seu ensaio “Echolalie”, lembra-nos como o próprio texto de Benjamin ecoa conceitos de tradução do romantismo alemão e ainda as traduções de Sófocles feitas por Hölderlin. No caso deste último, a referência é direta e explícita, mas Benjamin também o ecoa indiretamente pela própria escrita “paratática” – termo que Adorno usa em palestra de 1963, intitulada “Parataxis: sobre a lírica tardia de Hölderlin”. Mais uma vez, Adorno vai prestigiar as qualidades benjaminianas quando fala no “caráter monadológico fechado do conceito particular”,³¹ da “náusea da comunicação”³² e ainda da “rebelião paratática contra a síntese”³³ – ou então: contra a sintaxe. Em toda a sua obra pós-guerra, Adorno ecoa Benjamin.

As traduções literais de Hölderlin eram consideradas como “exemplos monstruosos”, uma vez que não eram guiadas pelo suposto sentido, contido na frase em sua estrutura sintática, que poderíamos chamar de “horizontal”, mas vertiam palavra por palavra de acordo com o eixo paratático-vertical, “grecizando” a língua alemã. No lugar da sequência linear, Hölderlin dá preferência à interlinear, que justapõe palavras muitas vezes sintática e semanticamente incompatíveis na língua-alvo e que, por não “fazerem sentido”, também não comunicam qualquer conteúdo. Benjamin encerra seu ensaio em defesa da tradução interlinear: “Pois todos os grandes escritos contêm, em certa medida – em mais alto grau, porém, as Sagradas Escrituras – a sua tradução virtual entre as linhas. A versão interlinear do texto sagrado é o arquétipo ou ideal de toda tradução”.³⁴

Rainer Nägele, no já mencionado artigo, não se limita a constatar ecos do romantismo alemão no texto de Benjamin, pois neste haveria também ressonâncias dos poemas de Baudelaire,³⁵ a começar pelo uso da própria palavra “eco”, que aparece em um dos versos de um dos poemas mais conhecidos de Baudelaire, a saber, “Correspondências”. Sendo apenas restos ressoantes de algum fenômeno acústico, os ecos

³¹ ADORNO. Parataxis, p. 450.

³² ADORNO. Parataxis, p. 466.

³³ I ADORNO. Parataxis, p. 476.

³⁴ BENJAMIN. A tarefa do tradutor, p. 119.

³⁵ NÄGELE. Echolalie, p. 22.

“se confundem. O prefácio pode não ‘introduzir’ o leitor de forma linear nos poemas de Baudelaire, mas as duas partes se correspondem, ou, para citar outro verso do poeta francês, ‘os perfumes, as cores e os sons se respondem’”.³⁶

Há, portanto, certo dilema entre o caráter hermético de cada unidade “fechada”, por um lado, e a necessidade de uma certa abertura ou porosidade para que essas unidades possam se relacionar, por outro lado. Assim, o texto sobre a tarefa do tradutor pode possuir alguma autonomia, mas contém em si as “sementes” da poesia de Baudelaire; essa poesia pode ser considerada como a “tradução” das ideias apresentadas de outra forma.

“A tradução é uma forma”, diz Benjamin no início do terceiro parágrafo, em mais uma frase apodítica. Mas, por mais enigmática que seja, essa frase reforça a ideia da autonomia da tradução e vai de encontro àquela da tradução como derivado. No entanto, para “compreendê-la como tal, é preciso retornar ao original. Pois nele reside a lei dessa forma, enquanto encerrada em sua traduzibilidade”.³⁷ A tradução é autônoma, mas, evidentemente, sempre se relaciona de alguma maneira com o original:

[...] a tradução justamente não é autônoma, autossuficiente, integral – ela consiste numa relação a algo exterior a ela, a algo que ela mesma não é, mas a que deve sua existência, a obra “original”. [...] E, mesmo assim, é exatamente essa independência que Benjamin endossa de maneira provocadora, estendendo o termo da “forma”, que não apenas diz respeito à obra original, mas também aquela da “tradução”.³⁸

Essa ambiguidade entre o caráter fechado das formas e a possibilidade de sua abertura pode ter levado Benjamin a trocar as mônadas pelas sementes, que se abrem graças à sua força germinativa. Basta um estímulo externo – luz e água – para que essa cápsula aparentemente inerte mostre seu potencial e comece a crescer.

A inércia e o despertar, essa dicotomia que, em *Passagens*, serviu de modelo para distinguir o século XIX do século XX – este último

³⁶ BAUDELAIRE. *Œuvres complètes*, p. 11. Tradução nossa.

³⁷ BENJAMIN. A tarefa-renúncia do tradutor, p. 102.

³⁸ WEBER. *Benjamin's –abilities*, p. 57.

despertaria o século XIX do seu sono –, é uma constante no pensamento de Benjamin. Ela aparece também na imagem que descreve a linguagem como “mata” (*Bergwald*, uma mata nas montanhas) que ecoa o grito dirigido a ela. A dicotomia, evidentemente, aparece também nas “Teses”, mais exatamente na 2ª tese, em que trata da suposta inércia do passado e das pessoas que ficaram para trás: “Não existem, nas vozes a que agora damos ouvidos, ecos de vozes que emudeceram?”³⁹

A mesma ambiguidade pode ter motivado os recursos à teologia, mais especificamente à ideia da redenção: nos três ou quatro textos aqui abordados – e justapostos devido a suas correspondências –, Benjamin fala das coisas presas ou adormecidas que precisam de um catalisador para que reajam. No caso do tradutor, trata-se não apenas de “fazer amadurecer na tradução o sêmen da pura língua”, mas também de “[r]edimir na própria a pura língua, exilada na estrangeira, liberar a língua do cativo da obra por meio da recriação – essa é a tarefa do tradutor”. Se, na 9ª tese, o anjo da história quer “despertar os mortos”, o tradutor procura despertar a pura língua escondida nas letras mortas do original. E, se não consegue despertá-la, por falta de poderes angelicais, tenta pelo menos fazê-la ecoar.

Referências

ADORNO, Theodor W. Der Essay als Form. In: _____. *Noten zur Literatur*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1981. p. 9-33.

ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: _____. *Notas de literatura*. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003. v. 1. p. 15-46.

ADORNO, Theodor W. Parataxis. In: _____. *Noten zur Literatur*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1981. p. 447-491.

AGAMBEN, Giorgio. O príncipe e o sapo. In: _____. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 129-150.

BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes*. Paris : Gallimard, 1961.

³⁹ BENJAMIN. Sobre o conceito de história, p. 242. Tradução nossa.

BAUDELAIRE, Charles. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. In: _____. *Escritos sobre mito e linguagem*. Organização, apresentação e notas de Jeanne Marie Gagnebin. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Editora 34, 2011. p. 101-120.

BENJAMIN, Walter. A tarefa-renúncia do tradutor. Tradução de Susana Kampff Lages. In: HEIDERMAN, Werner (Org.). *Clássicos da teoria da tradução*. Florianópolis: NUT-UFSC, 2001. p. 188-215. v. 1: português-alemão. Antologia bilingue.

BENJAMIN, Walter. *Briefe*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1966.

BENJAMIN, Walter. L'Abandon du traducteur: prolégomènes à la traduction des *Tableaux parisiens* de Charles Baudelaire. Traduction et notes de Laurent Lamy et Alexis Nouss. *TTR – Traduction, Terminologie, Rédaction: Études sur le Texte et ses Transformations*, v. 10, n. 2, p. 13-69, 1997.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Revisão técnica de Márcio Seligmann-Silva. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 213-240. (Obras Escolhidas, 1).

BENJAMIN, Walter. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem. In: _____. *Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)*. Organização, apresentação e notas de Jeanne Marie Gagnebin. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2011. p. 49-73.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Revisão técnica de Márcio Seligmann-Silva. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 241-252. (Obras Escolhidas, 1).

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução de Johannes Kreschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à história literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JAUSS, Hans Robert. *Literaturgeschichte als Provokation*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1970.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Monadologie*. Stuttgart: Reclam, 1954.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Princípios da filosofia ou A monadologia*. Disponível em: <goo.gl/bW7xnI>. Acesso em: 25 jul. 2015.

NÄGELE, Rainer. Echolalie. In: NIBBRIG, Christiaan L. Hart (Hrsg.). *Übersetzen: Walter Benjamin*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2001. p. 17-37.

OTTE, Georg. A letra morta como garantia de sobrevivência. In: SOUZA, Eneida Maria de; LYSARDO-DIAS, Dylia; BRAGANÇA, Gustavo Moura (Org.). *Sobrevivência e devir da leitura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 34-42.

WEBER, Samuel. *Benjamin's –abilities*. Cambridge, MA; Londres: Harvard University Press, 2008.